



A

N.º 57 — LISBOA 13 DE FEVEREIRO

2 ANNO 1901

PARODIA

PREÇO DA ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Lisboa e provincias, serie de 26 numeron.... 300 reis
 1.º semestre 13000 »
 Cobranca pelo correio custa..... 100 »
 Africa e Estrangeiro, accresce o porte do correio.
 Vende-se em Paris no kiosque, 10, boulevard des Capucines (GRAND CAFÉ).
 EDITOR — CANDIDO CHAVES

Publica-se ás quartas-feiras

CARICATURAS DE RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

E

M. GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO

Redacção — RUA DO GREMIO LUZITANO, 66, 1.ª

Administrador — GONZAGA GOMES

Administração — R. DO GREMIO LUZITANO, 66, 1.ª

Composição: Min. Peninsular, 111, R. da Aalaya, 11

Impressão: Lithographia Artistica, R. do Jardim do Tabaco, 92 a 96

Preço avulso 20 réis

Um mez depois de publicado 40 réis



Dansae, cantae, gosae, que o meu reinado é de tres dias

CHRONICA LEGITIMISTA

A vinda do Senhor Dom Miguel de Bragança a Portugal, num momento em que o Rei Constitucional se achava ausente, causou natural sobresalto, de que se tornaram echo alguns artigos de fundo da Nação.

Por espaço de poucas horas, que tanto foi a duração d'esse doirado sonho dos Legitimistas, houve em Portugal um punhado de homens de espirito que quizeram mostrar ao illustre viajante um dos aspectos mais pittorescos e alegres do paiz que elle visitava em simples e despreocupado *touriste*, e todos nós podemos disfructar então o exito de gargalhada que teve essa tremenda troca, preparada e realisada nas barbas da policia, com a acquiescencia do Sr. Governador Civil e a tolerancia do Sr. Presidente do Conselho.

Portugal teve nessa noite o seu verdadeiro rei absoluto, proclamado e investido de todas as prerogativas da sua condição, com a sua cõrte e o seu throno, os seus ministros e os seus vassallos, o seu sceptro e a sua cõrõa. E teve um rei a seu gosto, alegre e *bon enfant*, um rei como convém aos povos levianos, cujo regimen ideal seria aquelle em que se tornasse possivel mudar de monarcha com a mesma facilidade com que se muda de ceroulas.

Tendo vinda a Portugal sem outros intuitos que não fossem os de quem gosta de vêr e correr terras; viajando em comboio ordinario, alojando-se na hospedaria mais proxima apenas com uma maleta de mão e um nome supposto; confiante na bonhomia de um povo que poderia fazer o fuzilar e só teve sfinal muito gosto em o receber — o Senhor Dom Miguel de Bragança chegou a Lisboa e hospedou-se no Hotel Internacional muito pacatamente, não, por certo, sem uma certa agitação mal contida dos globulos do seu sangue real nas suas veias de principe proscripto, mas sem a menor

phantasia nem o menor proposito de pretendente ao throno.

Mas Lisboa é uma aldeia, e o Senhor Dom Miguel não conseguiu guardar o incognito por todo o tempo que lhe seria necessario para percorrer a cidade, visitar os seus poucos monumentos, e assistir a uma recita na Opera.

O Sr. Padre Farinha reconheceu-o, e foi, a rebolar, dizer ao seu partido:

— Dom Miguel chegou á barra e em Belem desembarcou!



Houve então, no seio do Partido legitimista, um desusado reboliço. E como se pode dizer que esse Partido é a Nação, toda a Nação rejubilou.

A respeitavel cabeça do Sr. Fernando Pedroso foi, nesse momento, uma cabeça de motim. S. Ex.^a sentiu em todo o seu ser uma verdadeira commoção popular.

O Sr. Silva Bruschy appareceu a uma das janellas da redacção e tres vezes disse com os seus botões a formula usual da proclamação:

— Real! Real! Real!

Tornando-se necessario ter tudo prompto para quando o Principe chegasse, o Sr. Saldanha da Gama foi encarregado, sem se saber como, de organizar o ministerio, que num abrir e fechar d'olhos ficou assim constituido:

Presidencia e Reino — Saldanha da Gama.

Justiça e Negocios de Saeristia — Reverendo Santos Farinha.

Obras Publicas, Correios e Telegraphos — Alfredo Scarlatti Quadrio.

Fasenda — Augusto Fuschini. Negocios Estrangeiros — Alfredo Serrano.

Guerra, em tempo de paz — Fernando Pedroso.

Marinha e venda de Colonias — Ferreira d'Almeida.

O Sr. Pereira Coutinho foi nomeado Pereira Carrilho.

O Sr. Pina Manique foi nomeado Juiz Veiga.

O Sr. Conde da Azambuja foi elevado a Marquez.

E o Sr. Antonio Cabreira foi elevado ao quadrado.

Para director geral das Alfandegas chamou se o Sr. Miguel Coelho.

E para Cabido da Sé, por aproximação, o Sr. Jorge Cabedo.

Quando o Senhor Dom Miguel chegou á Nação, só lhe faltava reinar. O mais, estava tudo prompto.

Os seus amigos politicos quizeram então levar até ao fim esse agradável sonho, e chegaram a convencer esse sympathico moço de que elle era, ali, naquelle momento, o legitimo Rei.

— Mas rei de quê? perguntou, sorrindo, o bondoso principe.

Alguem avançou nesse momento d'entre a multidão, e num largo gesto batendo com a mão no peito disse:

— De Portugal... da Silva!

SCENA DE ENTRUDO



(Zé Povinho, folião, esturdio, com um grão na aza, passa por casa do Sr. Mattoso dos Santos, que á janella contempla a folia carnavalesca e pensa nas reformas de fazenda. Ao Zé deu-lhe a pinça para o iberismo e fala hespanhol.)



Zé — Tiene dó de mi? Mattoso — No!

CAN-CANS

Na Camara dos Pares, o Sr. Julio de Vilhena pediu a publicação dos tratados de alliança entre Portugal e a Grã. Bretanha, para que ao menos se possa saber a quantas andamos.

O Sr. Ministro dos Negocios Estrangeiros declarou estar de accordo com as palavras do Sr. Julio de Vilhena, e disse que o Governo tomaria o seu pedido em consideração, na primeira oportunidade.

Na mesma Camara, o Sr. Conde de Lagoaça verberou mais uma vez a reforma parlamentar, e julgou attentatorio do direito constitucional o facto de se ter addido o parlamento sem ser por decreto.

Respondendo ao digno par, disse o Sr. Presidente do Conselho não achar opportuno o momento para... lhe responder.

Na Camara dos Deputados, o Sr. Homem de Mello disse que o administrador do concelho da Feira prendeu o vogal da ju ta de parochia de Fiães, e conserva-o illegalmente preso.

O Sr. Presidente do Conselho declarou que não tinha conhecimento d'esse facto, mas que se ia informar para tomar as providencias que fossem de justiça.

Assim vão correndo os trabalhos parlamentares, e para isto tem havido duas sessões por dia.

Imperturbavel, o Governo deixa correr o marfim, respondendo a tudo que a oportunidade não é boa, ou que vai informar-se para depois tomar as providencias que forem de justiça.

Nos intervallos, o Sr. Costa Pinto manda para a mesa alguns avisos prévios.

Final de contas, como já não ha subsidio, não pode tambem haver razão de queixa. E' um parlamento que nos sae, tão barato como uma dictadura!

Numa das ultimas sessões da Camara dos Deputados, estando no abuso da palavra o Sr. Oliveira Mattos, dizia o Sr. Navarro de Paiva ao ouvido do Sr. Guilherme de Abreu:

— Este illustre orador implica-me com os nervos. Não posso ouvir-o!

— Está como eu! está como eu!



Em carta endereçada ao director do nosso novo collega *O Imparcial*, declarou o Sr. Ferreira de Almeida que recomendaria aquelle jornal a todos os seus amigos.



Evidentemente, o Sr. Ferreira de Almeida não deseja auxiliar a empresa. Porque se desejasse, a melhor propaganda seria recomendar o jornal aos seus numerosos inimigos.

A proposito da discussão do bill de indemnidade, que já lá vae, o *Diario de Noticias* publicou o retrato do Sr. Lourenço Cayolla, tratando-o de parlamentar experimentado.

Achamos bem. Mas as experiencias não teem dado resultado.

E dizia mais o *Diario de Noticias*: «Sendo um dos mais distinctos officiaes da arma de artilheria, a sua palavra e o seu talento não deixaram nunca de brilhar em todos os assumptos de caracter militar que se apresentam na Camara...» á paisana!

*
*

Extracto do *Diario das Camaras*:
O Sr. Luciano Monteiro — Qual é o deputado que está nesta Camara que seja independente?

Vozes — Todos!
O Sr. Santa Rita — E com porta para a escada!



Propõe se, em attenção á epoca que atravessamos, que o Sr. Conselheiro Teixeira de Sousa, ministro da Marinha, deixe de chamar-se, nestes dias, *Gaçoço*.

Uma vez que S. Ex.^a abandonou Vidago para se dedicar ás Colonias, trocando assim as aguas, que de Vidago passaram a ser de Colonia, deve deixar de ser *Gaçoço*.

Cheiroso, *cheiroso* é que é.



A proposito do naufragio do *St. Andre*, ouvimos esta conversa na Arcada.

— E parece que vinham a bordo d'esse vapor as contas da Exposição. Deviam ser frescas...

— Perdão! Agora é que ellas estão frescas. D'antes eram... salgadas.



Entre tia e sobrinho:

— Mas, querida tia, que barulho por causa de cinco mil réis! Louvado seja Deus, já não tenho tia! Lá porque lhe peço cinco mil réis para o Carnaval, faz um chinfrim me lonho! (*Tentando commovel-a*) Se a tia soubesse o que é estar preso na Escola do Exercito...



A tia (*com os olhos em alvo*) — Oh! quem dera!



Num intervallo da *Severa*, o Sr. Conselheiro José Luciano de Castro é interrogado pelo Sr. Vilaça:

— Eu desejava, se n'isso não houvesse inconveniente ou a tal não se oppossem razões de Estado, saber a opinião de V. Ex.^a neste caso: — o fado que a Angela acaba de cantar, será o verdadeiro fado da *Severa*?

O Sr. José Luciano (*sorrindo maliciosamente*) — Se non é vera é ben trovato!



DOIS ZES POVINHOS

Da cidade invicta acabam de chegar a Lisboa, na sua piedosa peregrinação de chalça carnavalesca, os dois alegres rapazes que já no anno passado se encarregaram da grata tarefa de trazer para o meio da tristissima barafunda do carnaval lisboeta a sua alegria saudavel de gente do norte.

Capa para encadernação do 1.º volume d'A PARODIA Preço 700 réis

Está á venda, em Lisboa, no escriptorio da nossa Administração, na Rua Augusta 220 e 222, e em diversas livrarias e tabacarias No Porto, em casa de Arnaldo Soares, Praça de D. Pedro. Em Coimbra, na livraria de J. Mesquita.

A Administração encarrega se de mandar encadernar o volume pela quantia de **200 réis**.

Os pedidos da Provincia para remessa de capas, deverão ser acompanhados de 40 réis para porte do correio, de cada capa.



Enrascado.

RAFAEL BORDALO PINHEIRO

DESCOBERTA DO ENCOBERTO



OU RECONCILIAÇÃO DE PRINCIPIOS

D. Miguel chegou à barra.

Teatro



Um século volvido sobre os chamados «tempos ominosos» D. Pedro IV, O Restaurador, não duvida descer do seu pedestal de gloria e ir esperar o descendente de D. Miguel, que chega não á barra, mas simplesmente á estação do Rocio.

**O PORTO N' «A PARODIA»
OU «A PARODIA» NO PORTO**
Os Vieiras portuenses

(DOS NOSSOS CORRESPONDENTES)



Desde a Cruz das Regateiras
Te ao rio, ao pouco antes,
Que o Porto, ao meio e nas beiras,
E' uma terra de Vieiras
E todos predominantes!

E' meemô um Vieira-baluarte
A invicta cidadae-vieira!
Pois tem-n'os em toda a parte,
Na Sciencia, no Amor, na Arte,
E tem-n'os queira ou não queira!

Tem-n'os á noite e de dia,
Por baixo, por cima, aos lados,
Calados e em berraria,
Co'a mãe, co'a mana, co'a tis,
Solteiros, viuvos, casados!

Tem-n'os crescendo e a crescer,
Tem-n'os p'lo ar e p'lo chão,
Tem-n'os no Deve e no Haver,
Tem-n'os p'ra dar e vender,
De gasto e d'exportação!

Tem-n'os de sino e chovalho,
Tem-n'os de sapro e de tripa,
Tem-n'os na serra e no malho,
Tem-n'os por junto e a retalho
E em pipa,—de tres em pipa!

Tem-n'os d'espeto e tarracha,
Tem-n'os d'altar e tarimba,
Tem-n'os de poda e de sachá,
Tem-n'os d'arromba, d'escacha,
D'aquí, de cruz, de rebimba!

Até, á Mendonça e Costa,
Porque esse nunca aborrece,
Direi com gosto a quem gosta
Que nunca vi eira posta
Que tanto Vieira tivesse!

Parece que o Vieira Pinto
E o Custodi José Vieira,
Não qu'rendo o genero extinto,
Deixaram cá no recinto
Vieirame p'ra sementeira!

E o certo, o fundamental,
E' que em tal modo produz,
Que no vieirame local
Só o Palacio de Crystal
Dá dois—e Vieiras da Cruz!

Depois, aumenta a porção,
—E até muitis-imo bem,—
Na casa da Relação
C'o illustre Paçó (barão)
Que é bom Vieira também!

E segue. Segue na esteira
Em que o vieirame resac,
Um Paçó d'igual madeira,
Filho, conde e mais Vieira
Do que é o senhor seu paç!



Tem até n'isso validade!
Se bem que jurar não temo
Que não excede, em verdade,
O nosso Vieira d'Andrade,
Que esse é um Vieira supremo!

Ha porém mais! E aqui tendes,
Sem vislumbres de laracha,
Que entre os que afroamtu duendes
Cá temos o Vieira Mendes,
—Um bello Vieira d'escacha!

Depois ha Vieira & Abel
A augmentar a geringonça!
E segue o Antonio Manuel,
O exequiel Ezequiel,
Mais os Vieiras & Mendonça!

Vem após o Zé Ribeiro,
Um grande Vieira de peso,
Pois que a peso de dinheiro
Compra a peso o Porto inteiro,
E em peso, sem contrapeso!

E entim, olympico e forte,
D'aprumo enchiendo os aiforges,
Quer na boa ou na má sorte
Andaz, p'ra vida e p'ra morte,
O immortal Vieira Borges!

De forma que Vieira acima,
Vieira abaixo, Vieira á beira,
Vieira em mana, Vieira em prima,
Vieira de rega e de limo,
Tudo é Vieira, Vieira e Vieira!

Pois senhores! Piano, piano,
Diz-me alguém que não é gago,
Ser assente e sem engano
Que ha 'hi cara de Caetano
Que inda acha poucos, cargo!

DRAMA E EXPOSIÇÃO NO FUNDO DO MAR

A proposito do naufragio do vapor «Saint André»



Devido á amabilidade do lazarisista «Saint-André» foram os Srs. Peixes, Peixinhos e Peixotos mimoseados com uma esplendida e humida exposição dos nossos melhores productos enviados a Paris.
Por causa da natural mudez dos ditos Srs. Peixes não conseguimos obter noticias detalhadas do successo subaquatico obtido pelos interessantes e bem elaborados relatorios do Sr. Ressano Garcia.
Mas fazemos uma ideia...

OS DISFARCES



O eterno Ché-Ché: — Adeus, ó Zé, conheces-me?

Zé eterno: — Como queres tu que eu te conheça, se eu já nem a mim me conheço!